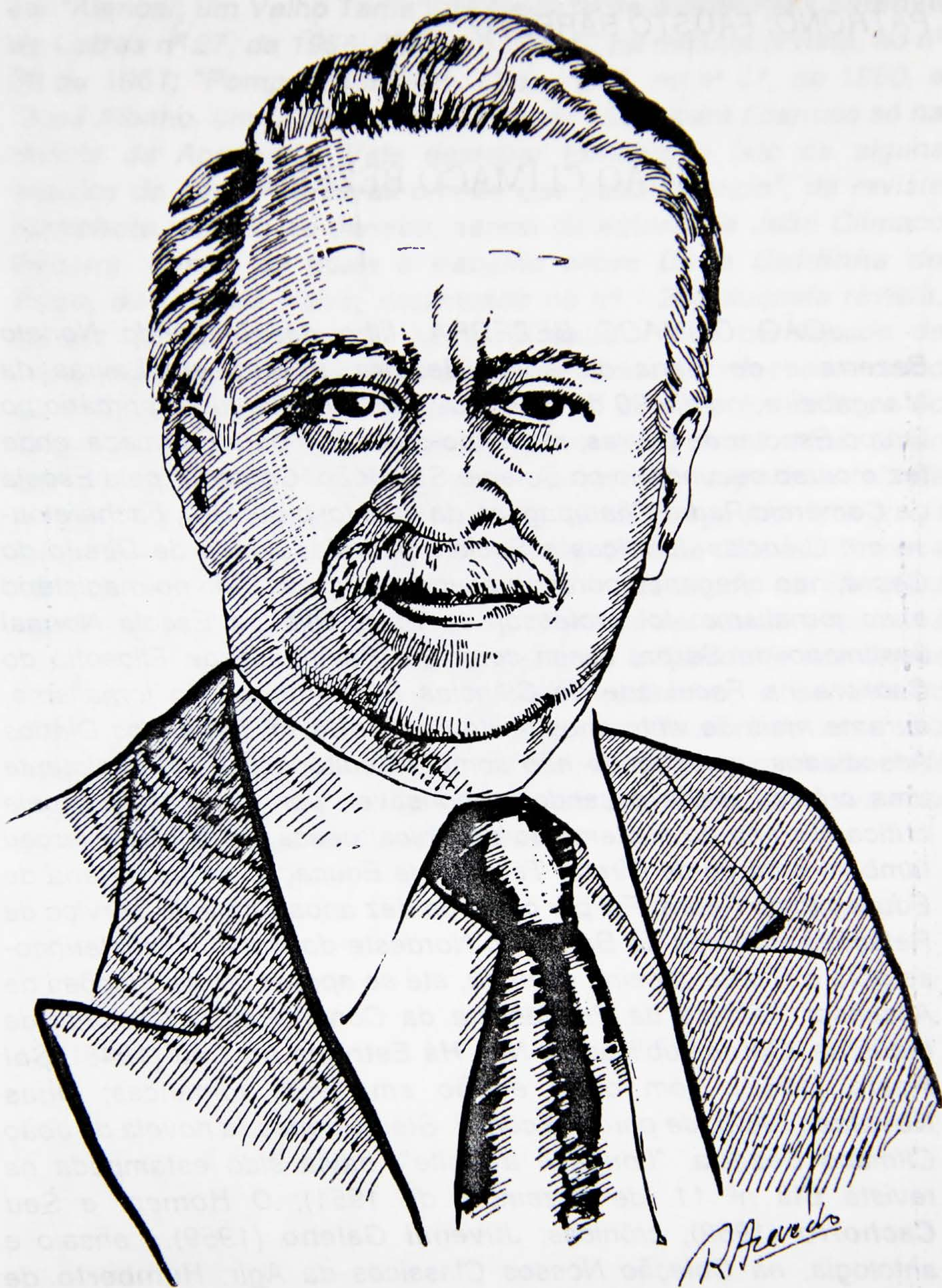


9 - JOÃO CLÍMACO BEZERRA

CADEIRA Nº 9
PATRONO: FAUSTO BARRETO

JOÃO CLÍMACO BEZERRA

JOÃO CLÍMACO BEZERRA, filho de Raimundo Nonato Bezerra e de Maria da Costa Bezerra, nasceu em Lavras da Mangabeira, no dia 30 de março de 1913. Fez o curso primário no Grupo Escolar de Lavras, mudando-se depois para Fortaleza, onde fez o curso secundário no Colégio São João. Contador pela Escola de Comércio Padre Champagnat, da qual foi professor, bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Ceará, não chegando porém a advogar, ingressando no magistério e no jornalismo: foi professor de Psicologia na Escola Normal Justiniano de Serpa, assim como na Faculdade de Filosofia do Ceará e na Faculdade de Ciências Econômicas. No jornalismo, durante mais de vinte anos militou no ***Unitário,*** *jornal dos Diários Associados, escrevendo não somente editoriais, mas igualmente uma crônica diária e sendo responsável, por muito tempo, pela crítica literária no suplemento dominical desse periódico. Exerceu também o cargo de Diretor Técnico de Educação da Secretaria de Educação do Ceará. Foi por cerca de dez anos Chefe do Serviço de Relações Públicas do Banco do Nordeste do Brasil. Transferindo-se para o Rio de Janeiro, exerceu, até se aposentar, as funções de Assessor Técnico da Presidência da Confederação Nacional da Indústria. Obras publicadas:* ***Não Há Estrelas no Céu*** *(1948),* ***Sol Posto*** *(1952), com outra edição em 1968, romances;* ***Duas Novelas*** *(1952), de parceria com J. Stênio Lopes (a novela de João Clímaco Bezerra, "Longa é a Noite", havia sido estampada na revista* ***Clã*** *nº 11, de dezembro de 1951);* ***O Homem e Seu Cachorro*** *(1959), crônicas;* ***Juvenal Galeno*** *(1959), ensaio e antologia, na Coleção Nossos Clássicos da Agir;* ***Humberto de Campos*** *(1965), obra da mesma natureza e na mesma coleção;* ***O Semeador de Ausências*** *(1967), crônicas, e* ***A Vinha dos Esquecidos*** *(1980), romance. São muitos os artigos de crítica literária que tem espalhado pelos periódicos, mas podem-se desta-*

*car "Alencar, um Velho Tema", na **Revista da Academia Cearense de Letras** nº 27, de 1956; "Oliveira Paiva", na mesma revista, no nº 30 de 1961; "Pompeu Sobrinho, Uma Vida", no nº 41, de 1980, e "José Albano, um Clássico", no nº 43, de 1982, para ficarmos só na revista da Academia. Vale destacar também o fato de alguns ensaios da série "As obras-primas que poucos leram", da revista **Manchete,** do Rio de Janeiro, serem da autoria de João Clímaco Bezerra, dentre os quais o trabalho sobre **Dona Guidinha do Poço,** de Oliveira Paiva, estampado no nº 1.280 daquela revista, do dia 30 de outubro de 1976. O escritor tem participado de inúmeros congressos de escritores, em vários Estados, bem como de encontros nacionais de jornalistas. É um dos fundadores do Grupo Clã, e um dos responsáveis (juntamente com Antônio Girão Barroso e Aluízio Medeiros) pelo número 0, experimental, da revista Clã, lançado em dezembro de 1946. Braga Montenegro já havia afirmado que o romance de estréia de João Clímaco Bezerra haveria de ficar na literatura nacional e sobretudo na literatura cearense, e Jorge Amado observou: "Há uma constante a marcar a obra do ficcionista João Clímaco Bezerra: a fidelidade aos temas de sua terra, à verdade do homem nordestino, o sentimento profundo do seu drama e da sua tragédia. Recobrindo essa raiz amarga um veio largo e vigoroso de solidariedade, expressão da fé do escritor em sua gente. Esse conteúdo situa bem alto a sua obra na literatura brasileira de nossos dias."*

SOL POSTO (Capítulo 1)

Não consigo reconstituir os fatos com exatidão. Andei fora de mim, errando de fazenda em fazenda, meio maluco. Mas não deve ter sido muito tempo, porque ainda sou bastante moço.

Lembro-me das coisas de um modo vago. No começo, ainda procurava Cordolina. Abandonei logo o seu auxílio. A preta está caducando, positivamente, Passa os dias na cozinha resmungando, queixando-se de tudo. Da camarinha, onde levo horas esquecidas balançando-me na rede de tucum, ouço os seus lamentos:

— É uma miséria, miséria de todos os diabos. Vai se acabar tudo de fome...

Ergo-me e dirijo-me à sala de jantar. Estiro-me no velho marquesão forrado de veludo azul que pertenceu a D. Plácida, antiga proprietária da casa onde moro. Quando comprei a casa, quis retirar o móvel. Não prestava, mas, pensando bem, foi bom conservá-lo. Imagino como seria D. Plácida. Talvez uma velha gorda, asmática. Cordolina traz o café num bule de flandres. Acendo o cachimbo. Ela despeja o moca na tigela e volta para a cozinha com as suas jeremiadas:

— Uma miséria, uma sêca. Vai se acabar tudo de fome, magote de pestes.

— Miséria o que, Codó? — pergunto num bocejo. Você sabe lá o que é miséria criatura!

— Essa vida, seu Biinha. Tudo na compra, um despotismo de dinheiro, uma lástima.

—Você sabe lá o que é miséria, Codó! — repito uma, duas, muitas vezes seguidas.

E não sabe mesmo, não. Miséria é uma vida igual à minha. Torturado, perseguindo um passado disperso, que me foge sempre. Recordo cenas isoladas, sem continuidade. Vejo-me no pátio de uma fazenda. Cabras pastam sossegadas, um menino brinca com baladeira, galinhas ciscam.

Quando foi isso? Que fazenda é essa, meu Deus? A cabeça começa a girar. Bato na testa, ajudando-me:

— Vamos, seu Bias, vamos ver quando foi isso?

Inútil recorrer a Codó. A negra me ama demais. E não suporta falar na doença. No princípio, insisti muito.

— Codó, como foi que começou, hein?

— O que, seu Biinha?

— A minha doença, Codó.

— Besteira, menino. Seu Biinha tem cada uma! Para que falar nessa tristeza? Basta a miséria em que vive.

E desfia o rosário de choradeiras. Vai acabar-se tudo de fome, não ficará nada.

Na repartição, distraio-me. Falam comigo e não respondo. Esquisitão. Mas agüentam-me. É o jeito. Possuo uns cobrezinhos e empresto aos colegas. Cobro juros altos, que não sou pai de ninguém. O chefe, na minha mão, finge desconhecer a minha agiotagem.

Custou-me caro. Certa tarde, saíamos da repartição. O diretor deu-me palmadinhas no ombro. Pensei com os meus botões: "Essa alma quer falar". Na calçada, êle me perguntou:

— Você é casado, seu Bias?

— Qual, Dr., quem me quer?

— Não se lamente por isso, homem. Dê graças a Deus. A vida de casado é buraco. Filhos, doenças, mil complicações. E a farmácia? Um inferno.

Eu ouvia em silêncio. Paramos à esquina. Automóveis passavam fonfonando. Atravessamos a rua. Na porta do café, estendi-lhe a mão.

— Não, tomemos um tragozinho...

Sentei-me constrangido, encabulado. O Dr. Silveira prosseguiu:

— Como eu ia lhe dizendo, não case. A farmácia come tudo. Agora mesmo estou com duas meninas doentes. A receita, o médico, um dinheirão. Tenho de recorrer a um banco.

— Se o Dr. quiser... arrisquei. Muito não, mas pouco se arranja.

Quis. Passei-lhe a pelega de 500 ali mesmo. Fi-lo com pena. Mas era o chefe. Que se havia de fazer? Não marquei prazo e nem falei em juros. Espeto. O Dr. Silveira agora me cumprimenta com afabilidade.

E não ficou apenas em 500. A outra vez foi no gabinete da repartição. A conversa idêntica, mole, chorosa. Escorreguei-lhe 200. Tivesse paciência, estava apertado no momento. Deu-me cinco dias de férias, que recusei afàvelmente.

Trabalhamos seis funcionários na seção. Abel, contador,

muito burro e poeta. Coxeia da perna direita e tem uma verruga na ponta do nariz. D. Abigail, escriturária, quarentona, usa lorgnon. Duas datilógrafas: Marilda e Suzana; Ismael, contínuo, e eu, arquivista.

Abel escreve para os jornais umas idiotices que êle chama de versos modernos. Porcaria grossa. Embromador de mancheia. Levanta-se do seu bureau e ferra na conversa com Marilda. Recita, cochicha, riem. Safadeza. Ponho-me a fazer a ponta do lápis com o canivete de cabo de madrepérola, herança de uma bisavó paterna. O ouvido à escuta. Não percebo o que êle diz, mas não deve ser boa coisa. Suponho que o guarda-livros conta anedotas pornográficas, que Marilda e mesmo avoada. Abel sai assobiando e entra na privada. Não tem vergonha. Marilda abre a gaveta, retira o espelho e se põe a botar pó-de-arroz na cara. Sirigaita. Quando nota que a estou espiando, vira o rosto num muxoxo. Abel volta. Ferra de novo na conversa.

— Seu Bias, o sr. gosta de poesia moderna? interroga D. Abigail, com um risinho de mofa.

— Que poesia, D. Abigail, isso é para quem não tem o que fazer! Baboseiras. Negócio de verso não bota panela no fogo pra ninguém.

— O sr. é quem está certo, seu Bias. Por isso, tem as suas economias. Não vive pedindo emprestado aos outros.

— Uns vintenzinhos, D. Abigail — concordo satisfeito.

Marilda bate com força na máquina. D. Abigail abre a gaveta e volta ao romance. Bem boa, D. Abigail. Muita carne. O tímpano do chefe, no gabinete, bate, chamando Ismael. O velho arrasta-se pachorrento. O relógio do ponto, na minha frente, não pára o seu tique-taque. Mergulho nos colecionadores do arquivo. E o pensamento perde-se no passado. Não sei precisar o episódio que me ocorre à lembrança.

Estou no Cine-Teatro Familiar de seu Capistrano, na cidade de Lavras da Mangabeira. Muita gente na platéia. A luz se apaga e começa o espetáculo. No palco, sentado diante de uma escrivaninha antiga, um sujeito vestido à Luís XV. Um mensageiro, também à Luís XV, entra. Bate os calcanhares com força, curva-se numa reverência. O homem da escrivaninha tosse, interroga o mensageiro:

— Que nova nos traz, fiel mensageiro?

— Más novas, meu amo.

— Dizei, mensageiro, que novas são tais.

O mensageiro descreve uma série de derrotas militares. O povo bate palmas. O homem da escrivaninha levanta-se e fica passeando no palco de um lado para outro. De repente, não me lembro mais de nada. Julgo que não assisti àquele espetáculo.Cordolina ignora essas coisas.

D. Abigail zomba dos versos de Abel. Ela gosta de falar difícil e escreve também para os jornais. Prosa chocha, cheia de palavras ternas, de luares, de músicas. Horrível. Assalta-me com pedidos para comparecer às sessões da Associação Lítero-Musical de Moças Cristãs.

— Quem sou eu, D. Abigail — desculpo-me.

— Por que, homem? Ora essa...

D. Abigail sapeca-me os olhos chorosos. Trata-me por você, forçando intimidades. Reclama porque não a chamo Abigail. Os seios arfam. Os olhos demoram na minha frente. Prometo ir às sessões.

— Qualquer dia apareço, não há dúvida.

Ela sai para o lavatório, bamboleando-se, Espia-me com o rabo do olho. Ismael ajuda-me no arquivo. Bom sujeito, o Ismael. Conversa sensata, aprumada. Às vezes, escorrego-lhe alguns níqueis. Gorjetas pequenas para não viciar. Falamos sobre passarinho, sobre política no sertão.

Ismael vem do tempo do carrancismo. Palavra de homem não voltava atrás. O chefe toca o tímpano. Ismael levanta-se, sem pressa.

D. Abigail aproxima-se, encostando-se à minha mesa. Discute os versos de Abel.

— Tolice, seu Bias. Quem é que não escreve aquilo? Não tem rima, nem métrica, nem sentimento. Não tem nada. A rima é tudo, o sr. não acha?

— Com certeza.

— Bilac, Raimundo Correia, Alberto de Oliveira, aqueles sim! Eram poetas de verdade. Não acha, seu Bias?

— Com certeza.

Marilda ri, repetindo baixinho a Abel: com certeza, com certeza. Dano-me com D. Abigail. Que diabo quer comigo? Conversa mais boba. Poesia, poetas. Um bruto como eu falando de poetas. Poetas para mim eram o cego Aderaldo, cantando na feira do Crato, Azulão, Jacó Passarinho.

— E Olegário, o sublime, o divino Olegário, conhece, seu —

Bias?

Limito-me a um sorriso amarelo, reprimindo o palavrão. Conheci um Olegário em Cajàzeiras da Paraíba, bodegueiro. Não podia ser ele. D. Abigail fala de poetas, e Olegário, dono da Mercearia Combate, não sabia fazer versos. Metido dia e noite na bodega, vendendo sabão, homem do seu trabalho.

— Como é, vai no domingo, seu Bias?

— Com certeza.

Confidencio com Ismael:

— É o diabo, meu velho. Que é que eu vou fazer em negócio de literatura?

— Cuidado com o laço, seu Bias. O sr. não vê que a mulher quer lhe agarrar, criatura?

— Perde o tempo, Ismael. Sou lá homem para casamento? Padre, igreja, complicações.

— Mas um dia a casa cai...

D. Abigail deu-me o seu "Diário" para ler. Queria a minha opinião.

— A minha opinião?! A senhora quer mangar de mim?

Não queria mangar, não. Acha-me inteligente. Então, não via os meus comentários a respeito dos ofícios escritos pelo Abel? Eu sabia colocar os pronomes, lá isso sabia.

— Mas o Abel, D. Abigail... O pobre não sabe gramática, desconhece as regras.

Agora estou aqui no marquesão com o catatau que D. Abigail me impingiu. Um horror. Abro a primeira página: "É uma tarde cor de cinza. Nuvens violáceas passeiam no horizonte. Ao longe, gemem violinos em surdina. Um canário abandona o seu ninho e vem pousar na minha janela solitária, cantando uma melodiosa salmodia. Penso nele..."

Cordolina lamuria-se:

— É uma miséria.

Acendo o cachimbo e penso em D. Plácida. Aquilo é que era viver, sim senhora. Comprei-lhe a casa. Hoje instalo-me no seu marquesão. O "Diário" de D. Abigail em cima das pernas. Marilda não tem onde cair morta e é o orgulho do mundo todo. Deve-me 150 e nem fala. Chama-me de usurário, avarento. Grito por Cordolina:

— Traga o café, Codó.

— O menino não já bebeu?

Traga mais, mulher. Vou escrever.

— Escrever?

— Sim, escrever. Por quê?

Cordolina sai resmungando e vai passar novo café. A palavra miséria gruda-se à minha cabeça. O "Diário" de Abigail é uma porcaria. Os gatos miam no telhado. Fixo o pensamento em Suzana, caladinha, obscura, batendo a máquina o dia inteiro. Não deve nada a ninguém. Os gatos no cio irritam Codó. Ela abandona a cozinha e do quintal arremessa pedras nos bichos.

— Te afasta, satanás.

— Deixe os gatos. Você quebra as telhas — reclamo.

Pela janela da sala de jantar vejo-a voltando para a cozinha. Sopra as brasas do fogão e começa a cantar com voz fanhosa:

"Meu Deus, meu Senhor,
De nós tenha dó
A seca é grande
Está tudo em pó."

Juvenal, vizinho da esquerda, não apareceu. Sujeito cacête. Adulador.

— Que é que há seu Juvenal?

— Nada, seu Bias.

E desadora-se a conversar asnices. Lê os jornais de cabo a rabo.

— Soube do terremoto, seu Bias?

— Terremoto?! O que está me dizendo, homem?

— Sim, uma coisa horrível, uma calamidade.

— Onde?

— No Japão.

Bato com os dedos na mesa para disfarçar a minha irritação. Juvenal trabalha na Estrada de Ferro. É conferente. Conferente ou amanuense, não sei ao certo. Tem uma fala arrastada e cospe para todos os lados, sujando as paredes. Mas não zanga Cordolina. A velha gosta do ferroviário. Falam muito sobre a carestia e recordam casos do sertão.

A encadernação do "Diário" de Abigail deve ter custado uma fortuna. Doirada, com os fechos trabalhados. Extravagância. Parece que esse povo não sua para ganhar dinheiro. Os 700, do Dr. Silveira, perdidos, perdidinhos da silva. Abro o "Diário".

"Réstias de luar lambem-me o corpo. Rebolo-me na cama e penso em ti, meu amor, meu amor, meu amor..." As reticências se acumulam. Descarada. Ismael, que idiota!

— Cuidado, seu Bias. Não vá cair no laço.

Codó pára de cantar, mexe nos trens da cozinha, preparando o café, reclamando sempre:

— É uma miséria...

Não se acostuma com a vida na cidade. Criou-se no sítio dos meus antepassados, viu-me nos cueiros, a casa farta. O regime de mercearia, de fornecimento, aniquila-a. Posso comprar sacos de arroz, braçadas de banana, quilos de carne. É sempre uma miséria. Fartura para ela era o sítio com os caboclos no eito apanhando arroz, o feijão enramando no milharal pendoado, cachos e cachos de bananas no paiol, cortados por Vicente Cambiteiro. Os gatos voltam a miar. Cordolina os amaldiçoa. O homem da escrivaninha retorna à minha cabeça.

— Dizei, mensageiro, que novas são tais.

Isso, sim, é linguagem. Não pode comparar-se à canalhice dos versos de Abel, sem pé nem cabeça. Marilda acabará arrasada. Nunca vi moça pobre com mania de luxo, metida com romances, que não se arrependesse. Romance é para D. Abigail, vitalina sem esperança.

— Cuidado com o laço, seu Bias. Você não vê que a mulher quer lhe agarrar, homem?

A voz de Cordolina atravessa as paredes de cozinha, fica rodando a casa toda. Vai acabar-se tudo de fome, pior do que seca. "Oh! se pudesses avaliar o meu amor, que beijos nós tracaríamos à luz pálida do luar, o murmúrio do regato cristalino suavizando o nosso idilio... Abrasa-me... vem... meu amor, meu amor..." Sem-vergonha. Aquilo são coisas que uma moça donzela escreva e dê a um homem para ler?

Cordolina traz o bule de flandres. A toalha da mesa, cheia de manchas de gordura, está imunda. Tenho vontade de reclamar, mas Codó pedirá dinheiro para o sabão. O "Diário" de D. Abigail salta à minha vista. Arremesso-o para cima do marquesão, torno a pegá-lo, folheando-o. A mesma besteira. "Violinos gemendo sob o branco luar e tu longe. Será para mim, aquela serenata?" Quem diabo vai tocar violino à porta de solteironas? Serei franco, não há dúvida.

— Vá rezar, D. Abigail. Pense na morte, mulher. Acaba com

imoralidades. Então, a senhora acha decente uma moça escrever esses abraça-me, aperta-me, devora-me? Isso é feio, D. Abigail. A senhora não é mais menina, já tem idade de criar juízo...

Cordolina despeja o café na tijela. As medalhas chocalham de encontro às pelancas dos peitos.

— Codó, seu Juvenal não apareceu? — pergunto, tentando entabolar conversa.

— Não, meu filho. Aquêle cristão anda com a cabeça virada, seu Biinha.

Não atino com a observação da velha. Juvenal gosta de negócios de espiritismo, prega religião para Cordolina. Comigo fala em política. Rabelista do papo amarelo.

— Homem era Franco Rabelo, seu Bias, Daí para cá, uns frangos, uns galinhas.

— Pois meu pai, Juvenal, foi jagunço. Marreta. Ajudou a derribar o seu homem.

— Queria que o seu Bias estivesse aqui, tivese visto em pessoa o Cel. Franco Rabelo, com o seu brado de "Rabelo ou bala, liberdade ou morte". Padre Cícero era um bandido.

Peço silêncio. Cuidado com Cordolina, porque se ela ouve, adeus amizade!

— Pois é, vou escrever, Codó.

— Escrever, seu Biinha?

A idéia surgiu da maldita leitura do "Diário" de D. Abigail. Talvez me faça bem trasladar para o papel as lembranças que me vêm à memória. Daí, não será difícil reconstituir o meu passado direitinho, numa seqüência lógica. Não vou mostrar a ninguém, coisa só minha, íntima.

Ismael vive agarrado a leituras subversivas, sonhando com a ascensão do proletariado. Discute com Abel, e quando a conversa descamba para a poesia, vendo o meu peixe.

— Poesia é essa alma sôlta que vive nos cantadores...

Cito trecho de Sílvio Romero a respeito dos violeiros encontrado em transcrição do Almanaque de Bristol, bancando erudição. Querem ver poesia, não é? Pois aí está o glossário dos nossos menestréis sertanejos. D. Abigail entusiasma-se.

— Bonito, seu Bias.

— Todo nacionalismo consubstancia-se na poesia sertaneja.

Rio-me por dentro. Nunca entendi patavina de nada.

Aproveito-me de trechos de almanaques, de revistas velhas.

Ismael intervém:

— Nacionalismo? eis o mal. O nacionalismo gera a opressão. O que deve existir é a pátria internacional dos trabalhadores do universo.

O tímpano do chefe toca e o contínuo arrasta-se com as suas teorias. A sós com ele, aconselho-o muito.

— Acabe com isso, homem. Você desagrada os chefes. A política do funcionário e votar com o governo, isso sim.

Cordolina balança-se na rede. Há mais de uma hora estou aqui parado com o papel na minha frente, o "Diário" de D. Abigail em cima das pernas. Julgo que vou desistir dessa história de escrever. Sou lá criatura para tamanha tarefa!

De *Sol Posto*, 2. ed. (1968).